

Glauco Mattoso

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Muito simples. Penso que, se o estilo é individual e a obra é a soma do estilo com uma temática fiel à biografia do autor, a “contemporaneidade” deste não será necessariamente com seus coetâneos, e sim com seus coirmãos ou confrades universais, no espaço e no tempo. Em outras palavras, com seus colegas genéricos, e não geracionais. Mas tudo que falei até aqui se refere ao plano individual, pois, coletivamente, é lógico que o escritor tem compromisso com o momento político, econômico e cultural que está vivendo. No meu caso, sou herdeiro direto de Gregório, Bocage, Emílio de Meneses, Delfino, Augusto dos Anjos, Oswald de Andrade e Augusto de Campos, nessa linha cronológica, mas minha poesia reflete as implicações formais e temáticas das vanguardas novecentistas e da contracultura sessentista, mais especificamente.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Adoto uma postura nitidamente crítica, já que sou dupla ou triplamente marginal em relação ao mercado editorial e à “visibilidade” da mídia: como poeta cego, homossexual, sadomasoquista e escatológico, estou automaticamente excluído do departamento das amenidades massificadas e palatáveis. Isso é uma faca de dois gumes, pois, de um lado me marginaliza, do outro me deixa à vontade para satirizar e debochar sem meias palavras, tanto na incorreção política quanto na transgressão estética.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

A principal reflexão é a de que não temos tradição literária. Somos muito superficiais e volúveis, presos a modismos passageiros e a influências escolásticas externas. Mas essa antropofagia circunstancial e imediatista tem suas vantagens: nos dá liberdade para anarquizar valores e reavaliar o que mais nos interessa. No meu caso, além de Sade e Masoch e da linhagem maldita francesa (de Villon a Genet, passando por Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé e Apollinaire), aproveito toda a subcultura roqueira e quadrinhística novecentista. Em suma, a conclusão é que cada macaco pode escolher seu galho conforme lhe aperta o sapato... Eu, para usar outro provérbio, prefiro ser sapão de brejinho a ser sapinho de brejão...

Como você pensa a forma literária?

Penso sempre em termos daquilo que mais marca minha vida: o paradoxo, a contradição. Sou cego e já enxerguei; sou “poeta da crueldade” e denuncio a violência; sou escatológico e sinto nojo dos políticos. Assim, não me limito a contestar valores anteriores ou polemizar com determinada postura estética. Faço questão de conciliar opostos, combinando, por exemplo, a forma clássica do soneto ou da glosa com a gíria da periferia ou o baixo calão. A escolha do molde está diretamente relacionada com a questão temporal: quando a maioria segue a tendência vanguardista, a vanguarda já não é ruptura. Mais questionador é o que faço: adotar o soneto quando muitos o consideram ultrapassado e preferem (ou só são capazes de) adotar o verso livre...

Soneto do leite de pedra

“Contemporaneidade” tem sentido
bastante relativo: convivi
mais vezes com quem sempre tenho lido
ou quem acaso encontro por aí?

Os vivos escritores com quem lido
me dizem muito pouco: só de si
se gabam. Eu, garboso, lhes revido
gabando-me de herdar tudo que li...

Nem oito, nem oitenta: um bom poeta
nem só seus precursores interpreta,
nem pode original só querer ser...

Somamos o que somos ao que lemos:
se não conciliamos os extremos,
sabemos combinar dor com prazer...

Glauco Mattoso (1951) é autor de *Jornal Dobrabil* (7 Dias, 1981) e de *Poesia digesta* (Landy, 1974), entre outros. Traduziu poetas latino-americanos e colaborou na edição brasileira de *Obras completas* de Jorge Luis Borges.